

Excerto traduzido do livro

**Julia Franck**  
**Die Mittagsfrau**  
**S. Fischer Verlag GmbH**  
**Frankfurt am Main 2007**  
**ISBN 978-3-10-0226006**

pp. 7 - 26

**Julia Franck**  
**A mulher do meio-dia**

**Tradução de Marcelo Backes**

## Prólogo

No peitoril da janela havia uma gaivota, ela gritava, e o som era como se ela tivesse o mar Báltico na goela, alto, as coroas de espuma de suas ondas, pontiagudas, a cor do céu, seu chamado ecoou pela Praça Real, tudo silencioso por lá, onde agora jaziam os escombros do teatro. Peter piscou os olhos, ele achou que tão-só pelo bater de suas pálpebras poderia espantar a gaivota, fazendo-a voar embora. Desde que a guerra terminara, Peter gozava o silêncio da manhã. Há alguns dias, a mãe lhe arrumara uma cama no chão da cozinha. Ela dissera que ele agora já era um rapazinho bem grande e não podia mais dormir na cama dela. Um raio de sol o atingiu, ele puxou o lençol sobre o rosto e ficou escutando a voz suave da senhora Kozinska. A voz vinha das rachaduras no chão de pedra, do apartamento embaixo dele. A vizinha cantava. Ah, meu querido, se tu soubesses nadar, poderias nadar até aqui onde estou. Peter adorava aquela melodia, a melancolia da voz, o desejo e a tristeza. Aqueles sentimentos eram tão maiores do que ele, e ele queria crescer, nada melhor do que isso. O sol aqueceu o lençol sobre o rosto de Peter, até que ele ouviu os passos de sua mãe, que se aproximavam como se viessem de bem longe. De repente, o lençol foi arrancado. Vamos, vamos, levantar, ela o admoestou. O professor estaria esperando, afirmou a mãe. Mas o professor Fuchs há tempo não questionava a presença de cada uma das crianças, individualmente, eram muito poucos os que podiam ir todos os dias à aula. Há dias, sua mãe e ele iam todas as tardes com a mala pequena para a estação ferroviária, e tentavam pegar um trem em direção a Berlim. Quando vinha um, ele estava sempre tão lotado que eles não conseguiam entrar. Peter levantou e foi se lavar. Com um suspiro, a mãe tirou seus sapatos. Pelo canto do olho, Peter viu como ela tirou também o avental, a fim de colocá-lo dentro da panela de roupas. Todos os dias o avental branco dela ficava manchado de fuligem e sangue e suor, e tinha de ficar de molho durante horas, antes que sua mãe pudesse pegar a tábua de lavar roupas para esfregar o avental até que suas mãos ficassem vermelhas e as veias em seus braços ficassem inchadas. Usando as duas mãos, a mãe de Peter tirou a touca da cabeça, puxou os grampos do cabelo e seus cachos caíram moles sobre os ombros. Ela não gostava quando ele ficava observando. Com um olhar vindo do canto dos olhos, ela disse: aquilo ali também, e ele achou que ela apontava para seu membro com alguma aversão, a fim de que ele o lavasse, depois ela lhe voltou as costas e penteou seus volumosos cabelos com uma escova. O cabelo rebrilhava dourado ao sol, e Peter pensou que tinha a mãe mais bonita do mundo.

Mesmo depois que os russos haviam conquistado Stettin na primavera, e alguns dos soldados desde então pernoitavam na casa da senhora Kozinska, ela podia ser ouvida

cantando desde bem cedo, pela manhã. Na semana passada, algum dia, sua mãe estava sentada à mesa e consertando o avental. Peter lia em voz alta, o professor Fuchs havia lhe dado a tarefa de treinar a leitura em voz alta. Peter odiava ler em voz alta, e já percebera diversas vezes como a mãe lhe dava pouco ouvido. É provável que ela detestasse ver o silêncio sendo perturbado. Na maior parte das vezes, ela estava tão mergulhada em seus pensamentos que nem mesmo parecia se dar conta quando Peter passava a ler em voz baixa no meio de uma frase. Enquanto ele lia assim, para si mesmo, ouvia a senhora Kozinska ao mesmo tempo. Seria bom se alguém torcesse o pescoço dela, ele ouviu sua mãe dizer subitamente. Surpreso, Peter olhou para a mãe, mas ela apenas sorriu e fincou a agulha no linho.

Os fogos de agosto passado haviam destruído a escola completamente, e desde então as crianças se encontravam com o professor Fuchs na leiteria de sua irmã. Só mui raramente ainda se vendia alguma coisa, e a senhorita Fuchs ficava de braços cruzados junto à parede atrás de seu balcão vazio, e esperava. Ainda que tivesse ficado surda, ela ainda tampava os ouvidos com freqüência. A grande vitrine havia sido quebrada, sobre o parapeito ficavam sentadas as crianças, e o professor Fuchs lhes mostrava números no quadro, três vezes dez e cinco vezes três. As crianças lhe perguntavam onde é que a Alemanha tinha perdido, mas ele não queria mostrar a elas. Ele dizia, nós não vamos mais pertencer à Alemanha a partir de agora, e se alegrava com isso. Mas a quem vamos pertencer então, as crianças queriam saber. O professor Fuchs dava de ombros. Hoje Peter queria lhe perguntar porque ele se alegrava com aquilo.

Peter estava parado junto ao tanque e secava seus ombros, sua barriga, seu membro, e os pés com a toalha. Quando ele mudava a ordem, coisa que há tempo não acontecia mais, a mãe perdia a paciência. Ela havia deixado prontas para ele uma calça limpa e a melhor camisa. Peter foi à janela, bateu contra a vidraça, e a gaiivota levantou vôo. Desde que faltavam a fileira de casas do outro lado da rua, as casas da parte traseira e também as casas da rua seguinte, ele tinha a vista aberta para a Praça Real, lá onde estava o que restara do teatro.

Não vem muito tarde pra casa, disse sua mãe, quando ele quis sair pela porta de entrada. À noite, uma enfermeira teria contado no hospital que hoje e amanhã seriam colocados trens especiais à disposição. Nós vamos dar o fora. Peter assentiu, há semanas ele se alegrava com o fato de enfim andar num trem. Só uma vez, há dois anos, quando Peter entrara na escola e seu pai viera visitá-los, eles haviam andado de trem, seu pai e ele, sim,

havam visitado um colega de trabalho do pai em Velten. A guerra agora já terminara há oito semanas, e o pai não voltara para casa. Peter teria gostado de perguntar a sua mãe porque ela não queria continuar esperando pelo pai, ele teria gostado de se tornar o confidente dela.

No verão passado, na noite de 16 para 17 de agosto, Peter ficara sozinho em casa. Sua mãe naqueles meses trabalhava dois turnos seguidos com frequência, e naquela ocasião emendara o turno tardio no turno da noite no hospital. Sempre que ela não estava em casa, Peter tinha medo da mão escondida debaixo da cama, que apareceria durante a noite, na fenda entre a parede e o lençol. Ele sentia o metal de seu canivete junto à perna, e mais uma vez imaginou a rapidez com que teria de puxá-lo caso a mão aparecesse. Naquela noite, Peter havia se deitado de barriga para baixo na cama da mãe, e ficara de ouvidos abertos como em todas as noites. Era melhor ficar deitado bem no meio da cama, pois assim sobrava espaço suficiente em cada um dos lados para descobrir a mão há tempo. Ele teria de golpear, rápida e firmemente. Peter suava quando imaginava que a mão apareceria e ele não estaria em condições de erguer a faca contra ela.

Peter ainda sabia muito bem como ele, com as duas mãos, das quais uma segurava a faca, pegara o veludo da coberta pesada e esfregara seu rosto no tecido. Baixo, quase suave, o primeiro tom de sirene se fez ouvir, depois ele passou a ressoar e se elevou a ponto de se tornar um uivo longo e penetrante. Peter cerrou os olhos. O som fazia as orelhas arderem. Peter não gostava de porões. Silêncio. Sempre de novo ele bolava novas estratégias para evitar os porões. O som da sirene voltou a se fazer mais alto. O coração batia, e seu pescoço lhe parecia demasiado estreito. Tudo nele ficou rijo e paralisado. Ele tinha de fazer força para respirar. Penas de ganso. Peter pressionou o nariz no travesseiro de sua mãe e inspirou profundamente o cheiro dela, como se ele pudesse deixá-lo saciado. Depois ficou tudo em silêncio. Um silêncio formidável, Peter levantou a cabeça e ouviu seus dentes batendo, tentou manter os maxilares cerrados, mordeu os dentes juntando-os com todas as suas forças, baixou a cabeça mais uma vez e apertou o rosto às penas. Enquanto ele esfregava seu rosto no travesseiro, embalando a cabeça para lá e para cá, ouviu o farfalhar de algo embaixo dele. Cautelosamente, botou a mão debaixo do travesseiro e as pontas dos dedos tocaram um papel. No mesmo instante, um sibilar sinistro ocupou seus ouvidos, o sibilar do primeiro projétil arremessado, a respiração de Peter se fez mais rápida, tudo estalava e se estilhaçava, o vidro não suportava a pressão, as vidraças arrebentavam, a cama sobre a qual ele estava deitado tremia, e Peter de repente teve a sensação de que cada uma das coisas a sua volta tinha mais vida do que ele próprio. Depois, o silêncio. Apesar dos acontecimentos lá fora, ele tirou a carta de onde estava com a mão livre. Peter reconheceu a letra. Como Peter teve de rir

loucamente, ah, seu pai, ah, ele se esquecera completamente de seu pai, apesar de este sempre estar pronto a protegê-lo. Ali estava a letra dele, ali, seu “M” para minha, o “A” para Alice. Inabaláveis, ali estavam as letras, umas junto às outras, nada conseguia perturbá-las o mínimo que fosse, nenhuma sirene, nenhuma bomba, nenhum fogo, e Peter riu para elas cheio de carinho. Os olhos queimavam, e as letras ameaçavam desaparecer. O pai lamentava alguma coisa. Peter tinha de ler a carta de seu protetor, ele tinha de ler o que estava escrito ali, enquanto estivesse lendo não lhe aconteceria nada. O destino submetia a Alemanha inteira a uma dura prova. A folha tremia nas mãos de Peter, por certo em razão da cama que balançava. No que dizia respeito à Alemanha, ele dava o seu melhor. Ela perguntava se ele não poderia trabalhar num dos estaleiros. Estaleiros, claro, sirenes uivavam, não as de navios, outras. Os olhos de Peter estavam cheios de lágrimas. Precisavam de engenheiros como ele com urgência em outros lugares. Um sibilar bem próximo, como que diante da janela, um estrondo, um segundo estrondo, ainda mais alto. Terminar a auto-estrada do reich, no leste havia pouco a fazer. Pouco a fazer? Mais uma vez Peter ouviu o sibilar, o cheiro de queimado fazia cócegas primeiro em seu nariz, depois o cheiro ficava penetrante, quase perfurante, mas Peter continuava rindo, ele se sentia como se com a carta de seu pai nas mãos não lhe pudesse acontecer nada. Alice. A mãe de Peter. Ela o acusava de escrever pouco. Fumaceira por todos os lados. Será que não havia cheiro de fumaça ali, um fogo não estalava ali perto? Isso não tinha nada a ver com a origem dela. Nada a ver, ver com o que, que origem, o que era que o pai estava escrevendo? Uma ordem de pagamento que tinha a ver com o dinheiro. O nome daquilo era mesmo ordem de pagamento, e ordem de expulsão? Segundo o pai, estariam acontecendo coisas que mudavam tudo entre eles.

Como havia sido difícil decifrar aquela carta. Se ele soubesse ler melhor, se soubesse ler tão bem quanto hoje, quase um ano mais tarde e perto dos oito anos de idade, ele talvez pudesse continuar acreditando na proteção da carta, mas a carta teria falhado, Peter não poderia tê-la lido até o final.

Quando ele se encontrava a caminho da leiteria do professor Fuchs naquela manhã, tudo estava bem, e ele não precisava mais de nenhuma carta de um pai para conseguir superar a noite, jamais voltaria a precisar de uma. A guerra havia terminado, hoje eles queriam dar o fora, sua mãe e ele. Peter descobriu uma lata na valeta e deu-lhe um pontapé. Maravilha ver como ela saltou e matraqueou. O horror ficaria para trás, atrás deles, nem um único sonho deveria continuar lembrando dele. Peter teve de pensar nos primeiros ataques, no inverno, e mais uma vez sentiu a mão de seu amigo Robert, com quem outrora saltitara em cima do muro baixo, pintado de branco, ao longo do caminho, querendo atravessar a rua do Portão de

Berlim, a fim de pular para dentro da vala diante da banca de jornais. Os sapatos deles haviam resvalado no gelo, eles derraparam. Algo devia ter atingido seu amigo e separado a mão de seu corpo. Mas Peter havia cambaleado adiante pelos metros que faltavam, sozinho, como se o fato de terem lhe arrancado o amigo apenas o fizesse acelerar. Ele sentira a mão, firme e quente, e não a largara por muito tempo. Quando percebeu, mais tarde, que continuava segurando a mão, não conseguira deixá-la cair na vala, simplesmente, e a levava junto consigo para casa. Sua mãe havia lhe aberto a porta. Ela o obrigara a se sentar numa cadeira e o convencera a abrir a mão. Ela se sentara no chão diante dele, nas mãos um dos guardanapos brancos de tecido com suas iniciais e esperara, acariciara as mãos dele e as apertara até ele largar.

Até hoje Peter se perguntava o que ela fizera com aquilo. Ele deu um chute potente na lata fazendo-a rolar para o outro lado da estrada, quase até a leiteria. Ainda agora era como se ele segurasse a mão de Robert, no instante seguinte já era como se ela o segurasse, e como se seu pai na carta não se referisse a outra coisa que não a esse acontecimento. E isso que ele não via o pai há dois anos, e jamais pudera lhe contar da mão.

No verão passado, na noite do bombardeio, em agosto, quando Peter havia lido a carta do pai, ele em pouco só conseguia mais decifrar uma de cada três ou quatro frases. A carta não ajudara em nada. As mãos haviam tremido. O pai queria se mostrar digno com a mãe de seu filho, ele queria ser honesto, havia conhecido uma mulher. Na escadaria, puderam ser ouvidos passos, mais uma vez um sibilar, tão próximo, que os ouvidos se trancaram por uma fração de segundos, depois um estrondo e uma gritaria. Peter correu os olhos sobre as linhas com rapidez. Eles deviam permanecer firmes, a guerra em pouco seria ganha. Ele, o pai, ao que tudo indica, não poderia aparecer nos próximos tempos, a vida de um homem exigia decisões, mas ele em breve voltaria a mandar um pouco de dinheiro. Peter ouvira um ribombar na porta de casa, era difícil dizer se os uivos vinham de um projétil, de uma sirene ou de uma pessoa. Dobrara a carta e a empurrara de volta ao lugar em que estava antes, embaixo do travesseiro. Ele tremia. A fumaça fazia as lágrimas saltarem de seus olhos, e o fogo se aproximava da cidade em ondas quentes.

Alguém o agarrou e o carregou nos ombros escadas abaixo, até o porão. Quando ele rastejou para a liberdade junto com os outros, horas mais tarde, estava claro lá fora. As escadarias que davam para a casa ainda estavam em pé, só o corrimão havia sido despedaçado, e jazia desfeito em traves sobre os degraus. Fumaça por tudo. De quatro, Peter subiu a escadaria, ele teve de rastejar sobre algo preto, em seguida abriu a porta com um

impulso e se sentou sobre a mesa da cozinha. O sol brilhava direto sobre a mesa, ele tinha de fechar os olhos de tão claro que estava. Tinha sede. Por muito tempo, ele se sentiu demasiado fraco para levantar e ir até a pia de lavar louça. Quando abriu a torneira, ouviu apenas um gorgolejar, e nada de água. Poderia durar horas até que sua mãe estivesse de volta. Peter esperou. A cabeça sobre a mesa, ele acabou adormecendo. Sua mãe o despertou. Ela pegou sua cabeça com as duas mãos e a apertou contra a barriga, e só quando ele também colocou seus braços em volta dela, foi que ela afrouxou um pouco o abraço. A porta do apartamento estava aberta. Nas escadarias, Peter viu o monte preto. Ele pensou na gritaria da noite anterior. A mãe abriu um armário com força, colocou lençóis e toalhas sobre os ombros, procurou as velas na gaveta, apalpando, e disse que tinha de sair de novo sem perda de tempo. Ela ordenou que Peter a ajudasse a carregar as coisas, faltavam ataduras e álcool para desinfetar os feridos. Eles passaram por cima da carne carbonizada diante da porta do apartamento, antes que Peter reconhecesse nos sapatos que se tratava de uma pessoa, a pessoa havia encolhido, e Peter descobriu um relógio de bolso grande e dourado. Aquilo que havia percorrido seu corpo naquela manhã era quase uma sensação de felicidade, pois parecia impossível que aquele relógio pertencesse à senhora Kozinska.

A fotografia do homem alto e imponente no terno fino, que se apoiava com um braço nobremente curvado sobre uma carroçaria preta e brilhante, e olhava com olhos claros em direção ao céu como se olhasse ao encontro do destino, ou pelo menos acompanhava o voo de alguns pássaros, continuava em pé, emoldurada, na cristaleira da cozinha. A mãe de Peter afirmava que agora que a guerra terminara, o pai voltaria e os levaria para Frankfurt. Lá, o pai estaria trabalhando na construção de uma grande ponte sobre o Meno. Então Peter poderia freqüentar uma escola de verdade, havia sido isso que a mãe dissera, e Peter achara desagradável ouvi-la mentir assim. Por que ele não escreve, perguntou Peter em um instante de revolta. O correio, respondera sua mãe, nada mais funcionava desde que os russos estavam na cidade. Peter baixara os olhos, ele se envergonhava de sua pergunta. De então em diante, ele esperou junto com sua mãe, dia a dia. Era possível que o pai mudasse de idéia.

Em certo entardecer, quando a mãe de Peter havia saído para trabalhar no hospital, ele vasculhara embaixo do travesseiro dela. Quis ter certeza. A carta havia desaparecido. Com uma faca pontuda, Peter abriu a escrivania da mãe, mas encontrara apenas papel e envelopes e alguns selos, que ela guardava em uma pequena caixa. Peter havia procurado no armário de sua mãe, erguera seus aventais passados e cuidadosamente dobrados. Encontrara duas cartas da irmã da mãe, Elsa, as cartas vinham de Bautzen. Elsa tinha uma letra tão

garatujada que Peter conseguia ler apenas a primeira linha: minha pequena Alice. Peter não conseguira encontrar mais nenhuma carta do pai.

[...]

Já na escadaria, Peter ouviu as painéis dela batendo. Na última semana, sua mãe havia trabalhado no turno da noite. Há dias ela limpava a casa, como se a casa estivesse suja, e ela encerava o chão, limpava cadeiras e armários e esfregava janelas. A porta da entrada estava apenas encostada, Peter a abriu. Ele viu três homens em volta da mesa da cozinha, sobre ela sua mãe, ela estava meio sentada, meio deitada. A bunda nua de um homem se mexia à altura dos olhos de Peter, pra frente e pra trás, e nisso a carne balançava com tanta força que Peter sentiu vontade de rir. Mas os soldados seguravam sua mãe. A saia dela estava rasgada, seus olhos bem arregalados, Peter não sabia se ela o via ou se olhava através dele sem vê-lo. A boca de sua mãe estava aberta – mas ela permaneceu muda. Um dos soldados percebeu Peter, segurou a braguilha fechada e quis empurrar Peter porta a fora. Peter chamou por sua mãe, mãe, ele chamou, mãe. O soldado deu um pontapé violento em direção a suas pernas, fazendo com que Peter se dobrasse diante da porta, depois um pé o atingiu na bunda e em seguida a porta foi trancada.

Peter estava sentado na escadaria e esperava, ouvia a senhora Kozinska cantar. Um pequeno passarinho sentado sobre um galhinho verde. A noite de inverno inteira cantava, e sua vozinha soava bem alta. Mas era verão, e Peter estava com sede, e os trens logo iriam embora, ele queria dar o fora, se mandar com sua mãe. Peter pressionou os lábios um contra o outro. Seu olhar caiu sobre a porta e sobre o buraco, onde outrora havia estado a fechadura. No chão, ainda jaziam cavacos de madeira. Peter arrancou a pele fina dos lábios com os dentes. Sua mãe já recebera a visita dos soldados uma vez antes, fazia poucos dias, eles provavelmente tinham arrombado a porta a pontapés e arrancado a fechadura. Eles haviam ficado o dia inteiro, bebido e berrado sem parar. Peter batera na porta com insistência, sempre de novo. Alguém devia ter apoiado alguma coisa contra a porta pelo lado de dentro, talvez uma cadeira tivesse sido colocada sob o trinco. Peter espiara pelo buraco que a fechadura arrancada deixara para trás, a fumaça estava tão densa que Peter não pudera reconhecer nada. Eis que então Peter havia se sentado na escadaria e esperara como agora fazia.

[...]

Quando a porta enfim se abria, na última vez, os soldados saíram tropeçando um atrás do outro para as escadarias, descendo degrau a degrau, e haviam batido à porta da senhora Kozinska. O último se voltara e gritara alguma coisa a Peter em alemão: também

tenho um assim como tu em casa. Cuida bem da tua mãe, e nisso o soldado levantara o indicador, rindo. Quando Peter entrara na cozinha enfumaçada, vira como sua mãe se acocorava a um canto da cozinha, ela alisava um lençol. Tu agora já és um rapazinho bem grande, ela dissera sem olhar para Peter, não podes mais dormir em minha cama.

Ela não olhara para ele, não como hoje, jamais antes ele vira uma expressão como aquela nos olhos de sua mãe, gelada.

A espera diante da porta era difícil para Peter, ele ficava em pé, voltava a se sentar nas escadas, e em seguida se levantava de novo. Pela fresta que a fechadura havia deixado para trás, Peter queria tentar reconhecer algo. No último degrau, ele se colocou na ponta dos pés e se inclinou à frente. Assim, ele podia perder o equilíbrio com facilidade. Peter ficou impaciente, sentia o estômago roncar.

[...]

O olhar de Peter estava preso à porta trancada e à fresta deixada para trás pela fechadura, como da última vez. Ele se sentou sobre o degrau mais alto. Lembrou-se que depois da última vez a mãe lhe pedira para providenciar uma fechadura nova. Por todos os lados havia serralheiros, em cada casa, em cada apartamento abandonado às moscas. Mas Peter havia se esquecido.

[...]

O olhar de Peter passeou pela moldura carbonizada da porta em direção ao apartamento abandonado dos vizinhos. Por todos os lados, via-se os rastros do fogo, as paredes, os tetos e os pisos estavam pretos. Ele e a mãe haviam tido sorte, só o apartamento acima do deles havia sido queimado, e o dos vizinhos velhos, ao lado.

De repente, a porta se abriu, e dois soldados vieram para fora. Eles bateram um ao ombro do outro, estavam de bom humor. Peter pensou se já poderia entrar em casa, antes havia contado três soldados. Um dos homens ainda devia estar lá dentro. Sem fazer barulho, Peter se levantou, foi até a porta de casa e abriu uma fresta. Ele ouviu um soluçar. A cozinha parecia abandonada. Desta vez, nenhum dos soldados fumara, tudo parecia tão limpo e confortável quanto pela manhã. Sobre o armário da cozinha, estava deitado o pano de limpeza de sua mãe. Peter se virou e descobriu o soldado nu atrás da porta. De pernas curvadas, a cabeça apoiada às mãos, o homem estava sentado no chão e soluçava. Peter achou aquilo estranho, sobretudo porque o soldado usava um capacete, mesmo que de resto estivesse completamente nu e a guerra já tivesse terminado há tempo, conforme diziam.

Peter deixou o soldado sentado atrás da porta e entrou no quarto contíguo, onde sua mãe acabava de trancar o armário de roupas. Ela usava seu sobretudo e pegou a mala pequena de cima da cama. Peter queria dizer a ela que lamentava ter esquecido a fechadura, que não pudera ajudá-la, mas conseguiu dizer apenas uma palavra, e essa palavra foi mãe. Ele pegou a mão de sua mãe. Ela se livrou dele e seguiu em frente.

Os dois passaram pelo soldado a soluçar, que estava encolhido sobre o chão da cozinha atrás da porta da entrada, desceram as escadarias, desceram a rua direto para o Baluarte dos Peixes. A mãe corria tão rápido com suas longas pernas, que Peter tinha dificuldades em acompanhá-la. Ele corria em passo saltitante, e enquanto a seguia assim, já corria, quase a toda força, foi dominado por uma grande sensação de felicidade. Perpassava-o a certeza de que hoje conseguiriam pegar o trem, de que hoje fariam a grande viagem, a viagem em direção ao oeste. Peter imaginava que não iriam a Frankfurt, talvez fossem a Bautzen, onde morava a irmã da mãe, mas primeiro em direção a Berlim. No passado, sua mãe havia lhe contado do rio, à noite, antes de ele adormecer, da bela praça do mercado em Bautzen e do cheiro maravilhoso na serigrafia de seus pais. Peter bateu palmas e começou a assobiar, até que a mãe ficou parada diante dele sem o menor aviso e ordenou que ele parasse com os assobios. Mais uma vez, Peter tentou pegar a mão dela, será que ele não via que ela estava carregando a mala e sua bolsa de mão?

Eu posso carregar a mala, ofereceu-se Peter. A mãe recusou.

[...]

Eles foram até a estação ferroviária em passo rápido. Mas, já nas escadarias que desciam à estação, uma enfermeira uniformizada e barriguda veio ao encontro deles, ao que tudo indica uma colega da mãe, e disse que os trens especiais não passariam por Stettin, que eles tinham de ir para fora da cidade até Scheune, a estação seguinte, pois por lá os trens passariam.

Eles correram ao longo dos trilhos, entre eles. A enfermeira acabou ficando um pouco sem fôlego. Ela se esforçava para continuar ao lado da mãe e Peter corria atrás das duas, queria entender o que elas falavam. A enfermeira dizia que não conseguira fechar um olho, que pensava sempre nos cadáveres que elas teriam encontrado à noite no pátio do hospital. A mãe de Peter ficou em silêncio. Da visita dos soldados, ela nada falou. A colega soluçava, admirava a mãe de Peter por seu empenho, e isso apesar de todo mundo agora saber que alguma coisa não estava em ordem com a origem dela. A enfermeira deitou uma mão sobre sua barriga abaulada, ela ofegava, mas não queria falar sobre isso naquele momento.

Quem tinha essa coragem, ao final das contas? Ela mesma jamais teria conseguido agarrar uma das estacas e arrancá-la para fora do corpo de uma das mulheres, enfiadas em espetos como animais, todo o baixo-ventre em frangalhos. A colega ficou parada e se apoiou aos ombros da mãe de Peter com seu corpo pesado, ela respirava com dificuldades, a sobrevivente não teria parado de chamar pela filha, que há tempo já morrera sangrando ao lado dela. A mãe de Peter ficou parada e disse bruscamente à enfermeira que calasse a boca. Pelo amor de Deus. Cale a boca.

Em Scheune, a plataforma estreita estava lotada de pessoas à espera. Elas estavam sentadas em grupos no chão, e observavam os que chegavam com desconfiança.

[...]

Ainda demorou várias horas até o primeiro trem aparecer. A turba se acotovelou junto ao trem antes mesmo de ele parar, todo mundo tentava agarrar alças e corrimões. Dava a impressão de que haviam sido as muitas pessoas que conseguiram fazer o trem parar, que haviam sido elas que o retiveram. O trem parecia não ter portas suficientes. Braços gesticulavam, pés chutavam, batiam, e cotovelos golpeavam. Pragas e assobios. Quem era demasiado fraco, era empurrado para o lado, ficava para trás. Peter sentiu a mão de sua mãe em suas costas, como ela o empurrava no meio da multidão, Peter sentia o tecido das roupas no rosto, sobretudo, uma mala o golpeou nas costelas, e por fim sua mãe o agarrou por trás e o levantou sobre os ombros das outras pessoas. O cobrador fez soar o apito. No último instante, a mãe de Peter conseguiu vencer os metros decisivos que a separavam do objetivo, ela apertava Peter, empurrava-o, pressionou-o com toda a força para dentro do trem. Peter se virou, ele segurava a mão da mãe, agarrava-a, o trem sacolejou, colocou-se em movimento, as rodas rolaram, a mãe correu, Peter se segurou na porta, segurou sua mãe, ele mostraria a ela como era forte. Pula! ele gritou para ela. Nesse instante, as mãos deles se soltaram. As pessoas que ficaram na plataforma correram ao lado do trem. Alguém devia ter puxado o freio de emergência ou a locomotiva teve dificuldades em seguir adiante, as rodas rangeram sobre os trilhos. Uma senhora de chapéu, corpulenta, gritou lá de trás, salsichas, salsichas! E, de fato, muitos se viraram para ela, eles estacaram, se esticaram e se retesaram a fim de ver quem é que havia gritado e procurar onde estavam as salsichas. A mulher aproveitou a oportunidade e avançou alguns metros aos cotovelaços. A multidão de gente empurrou a mãe de Peter junto com a mala para dentro do trem. Peter envolveu sua mãe com os dois braços, ele jamais a largaria de novo.

No trem, eles ficaram parados no corredor, as pessoas empurravam e tentavam abrir espaço, as crianças tinham de ficar em pé sobre as malas. Peter gostou de ficar em pé sobre a mala, agora ele era exatamente tão alto como sua mãe. E quando sua mãe se virava, coisa que ela volta e meia fazia, os cabelos dela faziam cócegas nele, um dos cachos havia se soltado do cabelo preso no alto da cabeça. A mãe cheirava a lilases.

[...]

Sob seu queixo, Peter sentiu a fricção agradável do sobretudo de sua mãe. Ela devia estar suando, mas não queria tirar o sobretudo de jeito nenhum. Houve um novo solavanco e o trem se pôs em movimento, devagar. Na janela, as pessoas que não haviam conseguido arranjar um lugar, ficavam para trás.

[...]

Segura firme, disse sua mãe a ele, e apontou com a cabeça para a abertura da porta que dava para o vagão de sentar. Sobre seus cabelos louros presos no alto da cabeça, estava a touca, ela continuava usando a touca, apesar do sobretudo, e ainda que eles estivessem bem longe do hospital. Estás sonhando? Segura firme, ela disse, em tom imperioso. Mas Peter deitou suas mãos sobre os ombros da mãe, lembrou-se do soldado que ficara sentado atrás da porta, soluçando, e ficou contente por eles enfim terem conseguido dar o fora, e quis envolver a mãe com os braços. Mas então levou um cotovelaço nas costas e bateu com tanta força contra a mãe que esta quase perdeu o equilíbrio, a mala sobre os pés de Peter soçobrou, virou, e Peter acabou caindo sobre sua mãe. A mãe tropeçou para dentro do vagão de sentar. Ela jamais teria gritado, e apenas resmungou com raiva. Peter colocou sua mão nas ancas da mãe, a fim de não perder o contato. Ele queria ajudá-la a se levantar. Os olhos dela lançavam chispas, Peter pediu desculpas, mas a mãe pareceu não ouvi-lo, sua boca permaneceu fechada e estreitamente unida, ela tirou a mão dele de seu corpo. Agora Peter queria conquistar a atenção dela a todo custo.

Mãe, disse ele, mas ela não o ouviu. Mãe, mais uma vez ele tentou pegar a mão dela, que era fria e forte, e que ele amava tanto. No instante seguinte, o trem deu mais um solavanco, fazendo com que as pessoas caíssem umas sobre as outras e a mãe decidiu se segurar com as duas mãos no compartimento das bagagens e na porta até o fim da viagem, enquanto Peter agora segurava seu sobretudo, sem que ela o percebesse e pudesse impedi-lo de o fazer.

Pouco antes de Pasewalk, o trem parou sobre os trilhos. As portas foram abertas e as pessoas se acotovelaram e se empurraram mutuamente para fora do trem. Peter e sua mãe se deixaram empurrar pela massa de gente, até alcançarem a plataforma.

[...]

Tu ficas esperando aqui, disse sua mãe, quando eles chegaram a um banco, do qual naquele instante um homem velho acabava de se levantar. Daqui os trens vão a Anklam e Angermünde, talvez haja bilhetes de passagem. Eu logo vou estar de volta. Ela pegou Peter pelos ombros e o apertou de encontro ao assento do banco.

Estou com fome, disse Peter. Rindo, ele se segurou no braço dela.

Eu logo vou estar de volta, espera aqui, disse ela.

E ele: eu vou junto.

E ela: me larga, Peter. Mas ele já se levantava para segui-la. então ela apertou a mala pequena contra ele e o pressionou junto com a mala de volta ao banco. Peter agora tinha de segurar a mala sobre o colo, ele não conseguia mais segurar a mãe.

Tu esperas aqui. Isso ela disse com severidade. Um sorriso perpassou o rosto dela, ela lhe acariciou a face e Peter ficou contente. Ele pensou nas salsichas que a senhora havia anunciado em Scheune, talvez ali houvesse salsichas, ele queria ajudar sua mãe a procurá-las, ele aliás queria ajudá-la em tudo, abriu a boca, mas a mãe não tolerou nenhuma réplica, se virou e submergiu na multidão de gente. Peter tentou ver para onde ela ia, e descobriu seu vulto bem atrás, na porta que dava para o saguão da estação ferroviária.

Ele estava precisando ir ao banheiro e olhou para ver se enxergava algum, mas também queria esperar até que ela estivesse de volta, afinal de contas a gente podia se perder com facilidade em estações como aquela. O sol se pôs devagar. As mãos de Peter estavam frias, ele segurava a mala com firmeza e balançava os joelhos. Pequenas partículas de tinta da mala, vermelhas como sangue de boi, colavam em suas mãos. Sempre de novo, ele olhava em direção à porta, onde vira sua mãe pela última vez. Pessoas passavam aos turbilhões. Os postes de iluminação se acenderam. Em algum momento, a família ao lado dele no banco se levantou e outros se sentaram. Peter se lembrou de seu pai, que construiria uma ponte sobre o Meno em algum lugar em Frankfurt, ele sabia como ele se chamava, Wilhelm, mas não onde ele morava. Seu pai era um herói. E sua mãe? Também o nome dela ele sabia, Alice. Ela tinha uma origem duvidosa. Peter olhou mais uma vez para a porta que dava para o saguão da estação ferroviária. Seu pescoço enrijecera, porque ele já estava sentado assim há horas, de

olhos fixos naquela direção. Um trem veio, as pessoas pegaram suas peças de bagagem, e aqueles que lhes eram próximos, tudo tinha de ser mantido bem firme nas mãos. Anklam, o trem não iria a Angermünde, e sim a Anklam. As pessoas estavam satisfeitas, na medida em que a coisa andava. Já passava da meia-noite, Peter não precisava mais ir ao banheiro, ele apenas esperava. A plataforma estava vazia, era provável que aqueles que esperavam sem conseguir pegar o trem tinham entrado no saguão da estação. Se é que havia um guichê de venda de passagens, ele por acaso já não havia fechado há muito tempo? Talvez nem existisse mais um saguão de estação atrás da porta, é possível que aquela estação também tivesse sido destruída, como acontecera com a de Stettin. No lado oposto da plataforma, apareceu uma mulher loura, Peter se levantou, a mala agora estava presa entre suas pernas, ele se espichou, mas não era sua mãe. Peter ficou parado por algum tempo. Quando voltou a se sentar e a roer em seus lábios, ouviu sua mãe dizer que ele não devia descascar e comer as partes de seu corpo conforme lhe dava na telha, e ele viu a expressão enojada do rosto dela diante de si. Alguém, foi isso que Peter disse a si mesmo, alguém tinha de aparecer. Peter sentiu seus olhos se fechando, ele os abriu, ele não podia dormir, pois do contrário não perceberia quando esse alguém viria procurá-lo, e ele lutou contra o sono, pensou na mão e levantou as pernas, colocando-as sobre o banco. Deitou a cabeça sobre os joelhos e não desviou o olhar da porta da estação. Quando o dia começou a raiar, ele acordou com sede, e o tecido molhado dos fundilhos de sua calça colava em sua pele. Agora ele se levantou, queria procurar um banheiro e água.